



CUIDANDO DE SER: LAZER E SORORIDADE POR MEIO DE UM COLETIVO

Thaís da Silva de Freitas

Resumo: Este trabalho propõe a realização de uma pesquisa-ação da mulher brasileira nos espaços acadêmicos. O objetivo é pesquisar a vivência de mulheres participantes do projeto de extensão Cuidando de Ser no IFRS Campus Restinga durante o ano de 2018. O projeto ocorreu por meio de metodologias múltiplas, como rodas de conversas, dinâmicas, oficinas e confraternizações, contato direto com as participantes, realização de ensaios fotográficos, fotografias tiradas durante os encontros, produção e exposição de lambe-lambes com falas e narrativas compartilhadas pelas integrantes e, por fim, a realização de uma exposição de fotografias no interior do IFRS Campus Restinga. O público-alvo foram alunas, servidoras e mulheres da comunidade, com o objetivo de proporcionar empoderamento a este grupo e visibilizar a sororidade integrada ao campo do Lazer, presente no Coletivo Cuidando de Ser.

Palavras-chave: Mulheres-Coletivo; arte; autocuidado; resistência.

Abstract: This paper proposes to conduct an action research of Brazilian women in academic spaces. The objective is to research the experience of women participating in the extension project Taking Care of Being at IFRS Campus Restinga during 2018. The project took place through multiple methodologies, such as conversation circles, dynamics, workshops and get-togethers, direct contact with women. participants, photographic essays, photographs taken during the meetings, production and exhibition of lambe-lambes with speeches and narratives shared by the members and, finally, a photo exhibition inside IFRS Campus Restinga. The target audience were students, servants and women from the community, in order to provide empowerment to this group and make visible the serority integrated in the field of Leisure, present in the Collective Caring to Be.

Keywords: Collective Women, art, self care, resistance.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo apresentado é o resultado de uma análise das vivências que como aluna, membro do coletivo e pesquisadora desenvolvi junto e no projeto de extensão Cuidando de Ser. As vivências, oficinas, e a convivência se tornaram o fruto do Trabalho de Conclusão do Curso para a obtenção da formação em Técnica em Lazer. O projeto Cuidando de Ser possibilitou que através da metodologia da pesquisa-ação pudesse enxergar todas estas camadas de participação no coletivo. O projeto Cuidando de Ser como característica de projeto na modalidade de extensão visou a importância do lazer no cronograma semanal para o público de mulheres da comunidade tanto interna, quanto da comunidade externa, ou seja, para moradoras do Bairro Restinga. O projeto foi composto de alunas, servidoras e professoras, através da promoção de encontros semanais dedicados aos temas e às práticas do cuidado consigo. Os encontros foram organizados pelas professoras e também de especialistas, e convidadas, além delas, as próprias alunas e integrantes também poderiam ficar responsáveis por trazer estudos e práticas do cuidado, promovendo narrativas de assuntos como saúde e bem estar, e tomando a frente na produção de oficinas. O projeto nasce no 2º semestre de 2017, minha participação se inicia em 2018, e o projeto finda em 2019 sob a coordenação da Prof.^a Thayane. O projeto teve como intuito promover um espaço dentro do IFRS Campus Restinga que possibilitasse através do ambiente da educação promover uma alternativa dos cuidados existentes com a saúde e bem estar. A motivação parte da Prof.^a Andréia¹ juntamente a Prof.^a Thayane Cazallas do Nascimento² que me convidou para participar do projeto que estava como coordenadora, e neste convite para observar eu ainda não sabia do meu tema de pesquisa, o convite era para participar porque se tornara minha orientadora do TCC e reforçou que talvez fosse uma oportunidade de desenvolver meu trabalho de conclusão. Ambas as professoras sob objetivo de também possibilitar ampliar o olhar da educação e

¹ Licenciada em Filosofia, e Mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2008) professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Brasil

² Cientista Social e Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, foi professora substituta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Brasil.e-mail: thaycazcaz@gmail.com

da saúde no espaço escolar, com outra linguagem e outros caminhos educativos.

Por milhares de anos a mulher dedicou sua vida apenas ao desempenho doméstico, por uma imposição cultural, onde a voz da mulher como pensadora foi emudecida, sendo limitada à exposição dos saberes acadêmicos formais e à expressão das ciências³.

Atualmente, muitas mulheres ainda são limitadas ao acesso à educação por diversos contextos sociais e culturais, entretanto, considerável número de mulheres ocupam e produzem ciência, assim como já aumentou consideravelmente a sua presença nos espaços acadêmicos, porém, o reflexo de uma cultura arquitetada sob conceitos equivocados como o machismo estrutural, ainda pesa sobre os ombros de uma geração inteira de mulheres como Angela Davis, Djamilla Ribeiro, Hipátia, Simone de Beauvoir, dentre as quais nem sabemos os nomes. Muitas, que em sua juventude tiveram seus processos de discência interrompidos, ou que dedicaram mais intensamente suas vidas ao trabalho (trabalho informal ou trabalho doméstico), têm direcionado seus objetivos em recuperar seus processos acadêmicos e sociais, para a inserção em um novo espaço da sociedade.

No período Brasil Colônia⁴ (1500-1822), em um contexto de repressão às minorias, há poucos registros a respeito da mulher como pensadora na época. Em 1549 é fundada por um grupo de jesuítas a primeira escola no Brasil, na cidade de Salvador. Após muitos anos, em 12 de outubro de 1810, nascia Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, considerada por alguns a primeira feminista brasileira, que, durante o Império (1822-1989), fundou a primeira escola para meninas no Brasil, emancipando o reconhecimento do direito à educação da mulher. A ênfase destes acontecimentos nos evidencia a desigualdade de gênero, presente desde os primeiros séculos da história do Brasil, considerando a diferença de

³ A filósofa Hipátia é um grande exemplo da desigualdade de gênero e preconceitos na Ciências.

⁴ para mais, ler: <https://super.abril.com.br/historia/o-lado-feminino-do-brasil-colonial-a-vida-das-mulheres-no-seculo-xv-i/>
<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/brasileiras-lutam-pela-igualdade-de-direitos> <https://www.todamateria.com.br/voto-feminino-no-brasil/>
<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/mulheres-na-politica>

289 anos, para que determinadas mulheres tivessem espaço em uma escola. Ribeiro (2018) nos traz uma perspectiva de que embora, as mulheres, como um todo, tenham desafios em comum, os privilégios sociais, políticos e econômicos entre as mesmas alteram suas posições e influências. A autora nos conta também de um contraste de interesses e sobre a realidade da mulher negra nestas vivências:

[...] a situação da mulher negra era radicalmente diferente da situação da mulher branca. Enquanto àquela época mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para ser consideradas pessoas. No Brasil, o feminismo negro começou a ganhar força nos anos 1980⁵.

Ao abordar a arte e lazer, é necessário o discernimento das diferenças do indivíduo, sendo estas gênero, cor, classe social e econômica, e seus privilégios. É importante pensar na realidade do cotidiano de cada um destes indivíduos em suas diferenças e quais condições determinam a prioridade do tempo livre de suas obrigações. A filósofa Djamilla Ribeiro (2018), descreve as diversas ondas do feminismo acadêmico e suas intersecções: “é importante ressaltar que não existe apenas um enfoque feminista: há diversidade quanto às posições ideológicas, abordagens e perspectivas adotadas, assim como há grupos diversos, com posturas e ações diferentes.” (p. 46).

Entre a vivência da mulher como discente, profissional e dona de casa, existem infinitas possibilidades e responsabilidades, quanto ao desempenho e ao equilíbrio de tantas funções. Há muitos obstáculos para o tempo livre dessas mulheres, pois há sempre afazeres disponíveis para serem resolvidos, provas, trabalhos, encargos domésticos e/ou pessoais. Quando trata-se de mulheres pobres, negras ou que residem em regiões periféricas, esses fatores podem ser mais intensos. Muitas delas encontram-se em um momento de autodescoberta e reestruturação de um novo ciclo em suas vidas.

Em uma pesquisa em busca de melhor compreensão dos fundamentos e

a motivação da criação do projeto de extensão, foi realizado uma entrevista com a professora Andréia. Segundo a filósofa, o ambiente acadêmico é muito competitivo. Ela explica que a lógica estruturante da academia é patriarcal e individualista e que garante e perpetua a desigualdade, “não foi feito pensando nas mulheres, se o fosse, seria adaptável para específicas situações”. Ela trouxe uma perspectiva

⁵ (RIBEIRO, 2018; p. 52).

muito pertinente à pesquisa refletindo que a mulher carrega a responsabilidade do cuidado, e que fomos criadas desde pequenas a cuidar do próximo, estimuladas à carregar o mundo em nossas costas. E quando a mulher se faz independente, sofre a culpa, as cobranças e estereótipos. E que a dureza destes fatos acaba resultando em adoecimentos.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO BAIRRO RESTINGA

A partir de 1940, houve no Brasil uma grande migração de agricultores para centros urbanos, em busca de melhores condições de vida e mais oportunidades de sustentabilidade. Contudo, nem todos obtiveram empregos nas indústrias, nem no comércio, resultando na marginalização dos mesmos, que, formaram vilas na Zona Sul da cidade de Porto Alegre⁶, região localizada no antigo Bairro da Ilhota. Estes foram transferidos pelo Departamento Municipal de Habitação - DEHMAB, para um local de vinte e dois quilômetros de distância do Centro da cidade, a Restinga. Foi estimado, em 2010⁷, pela SMURB (Urbanismo, Prefeitura de Porto Alegre) 51.569 habitantes no bairro, sendo que 24.385 destes habitantes são homens e 27.184 mulheres, que representam 52.71% da população. Tendo em vista a constituição do Bairro Restinga, podemos constatar que é um local de vulnerabilidade social, que tem tido suas conquistas pela luta do povo para a melhoria da comunidade. Muitas mulheres, moradoras do bairro, ou da região, não tiveram oportunidades acadêmicas, ou por necessidade, dedicaram e dedicam parte de sua vida ao trabalho, seja ao trabalho formal ou trabalho doméstico, questões pessoais, filhos, família, etc.

A ARTE E LAZER EM PÚBLICOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL

O lazer é um direito constitucional, desde 1988, e deve ser expandido para os diversos campos da sociedade, infelizmente, no contexto atual de nossa civilização, isso ainda não é cotidianamente real. Pensando na situação de diversas mulheres que seguem tal cronograma rígido e na carência de proporcionados momentos de lazer, faz-se necessário que pensemos na inserção da arte e lazer no cotidiano de públicos de baixa renda e na má

⁶ http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/

⁷ http://populacao.net.br/populacao-restinga-porto-alegre_rs.html

distribuição de tempo, também ocasionada pelo tempo excessivo de trabalho. Sendo assim, é primordial que construamos novos métodos para a conscientização da importância da arte e lazer para os diversos setores econômicos da população.

O projeto em que estive inserida me possibilitou sentir como mulher a necessidade do compartilhamento coletivo dos saberes, artes e culturas. Os encontros semanais, os quais eu passei a participar como membro e também a contribuir como oficinaira, trouxeram-me uma nova perspectiva à partir das narrativas concedidas pelas participantes. Algumas relatavam que para estudarem para as provas e trabalhos necessitavam se deslocar para o campus, pois, em casa mediante a tantas e ocupações, distrações e pedidos de atenção da família, não conseguiam concentrar-se em suas questões acadêmicas. Um comentavam também sobre o cansaço e esgotamento da rotina constante. Outras ainda, preferiam dividir entre o grupo as novidades. Ribeiro (2018) contribui imensamente para com as questões do cotidiano, ela conceitua o empoderamento da mulher com uma ferramenta de combate ao sistema opressor.

Vai além. Significa ter consciência dos problemas que nos afligem e criar mecanismos para combatê-los. Quando uma mulher se empodera, tem condições de empoderar outras. Cada mulher pode criar em seu espaço de atuação formas de empoderar outras. Se for empregadora, pode criar um ambiente de trabalho no qual exista o respeito e que possa atender à demanda de mulheres, principalmente daquelas que são mães, além de se certificar de que não há desigualdade salarial e assédio. Se for professora, a mulher pode estar atenta aos xingamentos machistas muitas vezes naturalizados como brincadeiras ou chacotas de crianças. Tentar promover discussões em salas de aula que levem à reflexão sobre a situação das mulheres. Criar um grupo na comunidade ou associação do bairro para discutir estratégias de apoio a outras mulheres ou o enfrentamento da violência que possam vir a sofrer. Empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos. (RIBEIRO, 2018; p 136)

A descrição de empoderamento proporcionada por Ribeiro (2018), é semelhante ao conceito de sororidade, foi assunto abordado em nosso Coletivo, mediado pela Prof^a Thayane cujo a importância era precípua. Trata-se de um conceito de aliança entre mulheres, visando a solidariedade e empatia em relação a próxima. A palavra sororidade tem origem etimológica no latim, *soror*, que quer dizer 'irmã; parente de sangue; companheira'. Pode ser

considerado também a versão feminina que no masculino se atribui a fraternidade, que se originou a partir do prefixo frāter, que quer dizer 'irmão pelo sangue ou por aliança'. O termo ainda não é reconhecido pelos sistemas oficiais de legitimação da língua.⁸ Sororidade tem como objetivo a união das mulheres, sendo uma das bases do feminismo contemporâneo, tendo sua definição como um aspecto de dimensão ética, política e prática. O gesto prático da sororidade quebra um sistema que incentive a segregação e competitividade entre as mulheres, pois visa a empatia antes do pré-conceito e julgamento. É como uma metanóia,⁹ onde deixamos a rivalidade de lado e prestamos apoio à próxima. Ao desenvolver do projeto, pude perceber que a construção nas relações fomentadas semanalmente, eram o exemplo literal de que sororidade não é um fenômeno utópico do feminismo, mas a realidade exercida durante cada encontro.

Entrei na sala, como de costume e ali haviam duas mulheres: Thay e Sílvia. Elas organizavam os colchonetes no chão, para que pudéssemos nos sentar, ao avistá-las, meu coração se alegrou, é quase uma sensação de conforto, é incrível como a singularidade de nossos encontros tem um efeito positivo dentro de mim. Ao avistar uma mesinha da sala, pude ver ali um bolo de limão e uma térmica de chá, olhei para minha orientadora que me olhava alegremente e com um acolhedor abraço me disse “parabéns”, abri um grande sorriso, elas lembravam que meu aniversário havia sido dia 17. Eu estava imensamente grata por tê-las, coletiva e individualmente. Me direcionei à mesinha, cheia de alegria. Não tínhamos talheres, nem espátula, sequer tínhamos uma faca para cortar o bolo. Fui até a copa do campus buscar uma faca e no caminho de volta para a sala, encontrei Geovana, uma aluna querida e amiga incrível. Ela estava indo para a sala, participar de nosso encontro à convite da professora Thay. quando entramos na sala mais duas participantes haviam chegado: Lu e Rose, Elas me saudaram com muito carinho me parabenizando e desejando muitas felicidades. Eu estava profundamente feliz, pois durante os encontros eu me apeguei a elas de forma significativa, mas ao estar ali, naquele momento, eu pude perceber que elas também possuíam laços quanto a minha pessoa. Uma delas, a Ro (um apelido que foi sutilmente aplicado durante a nossa convivência, de encontro em encontro) veio com uma sacolinha de tecido azul e com um abraço, entregou em minhas mãos proferindo as seguintes palavras: “Em nome de todas as mulheres de nosso grupo eu queria te dar esse presente” - eu abri a sacola, e com minhas mãos puxei de dentro um presente tão simbólico: uma boneca - “é uma boneca feita pelas mulheres peruanas. ela é toda feita à mão, achei a tua cara e estou te dando com muito carinho”. Eu fiquei

⁸ No artigo *Gênero e poder em dicionários da língua portuguesa*, Ana Lúcia Dacome Bueno diz que “a exclusão de um termo perfeitamente possível no léxico é uma manifestação de poder que seleciona o que deve ou não ser tomado como parte da língua”. De acordo com a linguista, “os dicionários acabam por escolher qual realidade social desejam fixar, projetar, documentar e perpetuar. A não aparição do termo feminicídio invisibiliza a realidade do assassinato intencional de mulheres como violência de gênero”.

⁹ Mudança de mente; transformação de pensamento.

emocionada, eu conseguia sentir a reciprocidade do carinho que eu sinto por cada uma delas, eu fiquei surpreendida, jamais imaginaria ganhar um presente. Ela começou a me explicar sobre o significado cultural daquela boneca e sua cidade de origem, mas eu não conseguia prestar atenção, ficava olhando aquela boneca, que possuía uma trança em seus fios de linha preta e um vestido bordado de lã, com diferentes tons de marrom, usando um chapeuzinho que combinava perfeitamente com o vestidinho. A boneca segurava em suas mãos um bebê enroladinho em tecido de lã marrom e um filhotinho de lhama, Quando percebi, a Thay estava falando comigo “Thais, olhe para a câmera, vamos registrar esse momento”, logo após elas começaram a cantar “parabéns para você”, eu estava com vergonha de ter todos aqueles olhos me olhando, mas estava feliz, muito feliz. Quando terminou a canção e as palmas pararam, fomos à mesinha e eu fui cortar o bolo. enquanto eu cortava, a Thay me disse que havia escolhido aquele bolo, pois lembrava que em um encontro de semanas atrás eu havia elogiado o tal bolo de limão. Aquele ato me tocou, eu fiquei comovida não apenas pelo fato de ela ter investido seu tempo e dinheiro com aquele bolo, mas principalmente, por ela ter guardado e se cordado daquela informação, do simples fato de ela se importar com o que eu gosto. Enquanto comíamos e bebíamos um chá de camomila, a Thay introduziu o assunto de nosso encontro, ela começou nos explicando o que é o conceito de “sororidade”, falou sua origem e o significado etimológico da palavra, durante a explicação, ela citava exemplos de como nós fomos influenciadas a sermos competitivas umas com as outras, de como em situações do cotidiano, fomos induzidas à falta de empatia com a nossa próxima. Durante a sua fala, algumas das participantes do Coletivo, manifestavam a compatibilidade do assunto com suas atitudes pessoais, “é verdade” elas diziam. Citavam exemplos de como já deixaram de ser compreensivas com outras mulheres. Conforme o assunto foi se desenvolvendo, chegaram mais duas mulheres, cujo os nomes não lembro. Então fomos convidadas pela Thay a nos sentarmos em roda nos colchonetes. Quando sentamos, a Thay, resolveu perguntar como cada uma estava se sentindo naquele dia. Cada uma delas falou como se sentia, mas uma situação especificamente, me chamou atenção, a Geovana, ela estava profundamente triste, pois sua gatinha, estava doente. Ela estava abalada pois estava ciente de que teria de sacrificá-la, para que seu animalzinho não mais sofresse. Luciane, também se abriu bastante, falava sobre sua perspectiva a respeito do papel da mulher e sua interpretação a respeito da fragilidade do gênero, falou com tristeza da perda de seu pai, que era seu pilar, mas com muito orgulho contava da criação que lhe tinha dado. Falava da construção de seu caráter, baseado em características supostamente masculinizadas, “forte”, “dura”, “não sentimentalmente fragilizada”. Contou também de seu período de luto e de como isso interferiu no primeiro ano da criação de seu filho. Outras mulheres também falaram um pouco de si e ao final da fala, a Thay apresentou uma perspectiva muito interessante, a respeito de não desprezarmos a fragilidade da mulher, pois isso não é sinônimo de fraqueza, de não desprezarmos o nosso lado acolhedor ou extinto materno. Fizemos uma conexão de cada um destes assuntos com o conceito de sororidade. Encerramos nosso encontro com um abraço coletivo e uma música que dizia “companheira me ajude, porque eu não posso andar só. *Sem você eu vivo bem, mas como você vivo melhor*”. (FREITAS, 22 de agosto. Notas do diário de campo, 2018)

Esta pesquisa-ação, que foi a metodologia adotada através das leituras realizadas à partir de Marie-Christine Josso (1999), teve como objetivo estudar os desafios da vivência do lazer na vida de mulheres que têm se inserido nos meios acadêmicos e auxiliar na influência do lazer no processos de formação, tendo como intuito proporcionar encontros e trocas de experiências, conhecimentos e vivências entre professoras, estudantes de diferentes cursos e etapas de formação, além de servidores e comunidade externa.

Durante os encontros, houveram múltiplas metodologias, como rodas de conversas, dinâmicas, oficinas e confraternizações. Ao final dos encontros eram feitos registros, em formato de diário de campo. Foram feitas oficinas de produção musical, produção de mandalas, rodas de conversas, debates, confraternizações, entre outras, visando um espaço horizontal onde o conhecimento é compartilhado sem aspectos hierárquicos e todas são vistas como produtoras culturais. O grupo também ganhou uma identidade visual. Foram realizados ensaios fotográficos para as três participante mais frequentes, visando o enaltecimento de suas autoestimas e possibilitando a visibilidade do projeto e das participantes como produtoras culturais dentro do campus à partir de uma exposição dentro do IFRS - Campus Restinga. Houve também produção pôsteres (conhecidos como lambe-lambe) com algumas das falas e narrativas compartilhadas no projeto. Perante esta experiência a arte absolutamente foi uma ferramenta de expressão e a mais ousada forma de resistência, resultando na perceptibilidade do Coletivo, para instigar o interesse de novas participantes para a próxima edição.

REFERÊNCIAS

- BUENO; Ana Lúcia Dacome Bueno. **A produção do sexismo na linguagem: Gênero e poder em dicionários da língua portuguesa**. Universidade Estadual de Maringá, 2015.
- DUMAZEDIER; Joffre. **Lazer e cultura popular**. p. 28-51 - 2000[1]
- GARCIA, Alessandro. Barreta. **Trabalho feminino em dose dupla: onde está o lazer?** Ano XXI, nº 32/33, junho e dezembro/2009
- JOSSO; Marie-Christine **História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999

NASCIMENTO; Thayane Cazallas; GRASSI, Paula Cervelin. **Juventudes, histórias de vida, gênero, arte e resistências**. Trama Interdisciplinar, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 128-148, jan./abr. 2016

NASCIMENTO; Thayane Cazallas; SILVA, Douglas Rosa da. **Poéticas do renascimento, poéticas da sororidade: apreensões da realidade em Clarice Lispector e Frida Kahlo**. GT 01 sororidade: uma nova dança entre e com as mulheres. V CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, Faculdades EST, São Leopoldo, 2017.

RIBEIRO; Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

INTERNET

- <https://super.abril.com.br/historia/o-lado-feminino-do-brasil-colonial-a-vida-das-mulheres-no-seculo-xvi/>
- <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/brasileiras-lutam-pela-igualdade-de-direitos>
- <https://www.todamateria.com.br/voto-feminino-no-brasil/>
- <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/mulheres-na-politica>
- <https://www.youtube.com/watch?v=G6>